

Aldravepeia

José Benedito Donadon Leal¹

Na apresentação das aldravias, em dezembro 2010, os poetas aldravistas anunciaram que as aldravias não seriam fôrmas, inscritas apenas numa proposição sintética de seis versos univocabulares, mas formas abertas às mais diversas experiências poéticas que tenham como prioritária a palavra. Ficava claro que não anunciávamos unicamente um novo tipo de “poema”, mas propúnhamos uma nova “poesia” que expressasse a atualidade de qualquer tempo (aquela da pragmática sensação do presente eterno), em que a atitude própria da construção das metonímias faz emergir a força da palavra do meio do caldo visual que, nesta atualidade, inunda os meios de comunicação e, reiteradamente, cobra a veiculação das ideias através do que esta segunda década do XXI acostudou a chamar de novas narrativas.

Acontece que na reflexão aldravista da abertura do século XXI, a narrativa é a estrutura básica de qualquer texto. Seja numa aldravia, encadeamento de seis versos univocabulares, seja num romance, sucessão de eventos em torno de um tema, a narrativa dá estrutura ao que será reconhecido como texto. Não são novas narrativas as que presenciamos nas veiculações dos novos meios – são novos envelopes textuais às estruturas narrativas básicas – evocação, conflito e resolução.

Historicamente a narrativa, o ato de relatar, constitui a forma básica das relações sociais, uma vez que aquele que presencia um acontecimento sente-se no dever de relatá-lo aos demais, seja para simplesmente dar ciência, seja para construir alerta. O primeiro caso tem cunho noticioso e o segundo didático.

Como os discursos sociais são recortados por relações de poder, os relatos simples dão lugar para relatos elaborados para conquistarem finalidades didáticas específicas – nas famílias, para garantirem que as regras internas não sejam contaminadas por regras externas; nas religiões, para garantirem seus dogmas; nos

¹ Doutor em Semiótica pela USP, Pós-doutor em Análise do Discurso pela UFMG. Professor do Curso de Comunicação Social da UFOP. Membro da comissão editorial do Jornal Aldrava Cultural.



estados, para garantirem seus domínios. Todos estes estamentos, em todos os tempos, elegem algum paradigma literário, de cujas narrativas constroem seus heróis para ditarem as diretrizes a serem seguidas pelas novas gerações – o avô é o herói familiar; um profeta, um pajé, um pastor será o porta-voz de uma divindade; um rei, uma rainha, um presidente, um general será um herói nacional.

Entre os tantos exemplos históricos de relatos, podemos citar os dos livros sagrados e as epopeias. Os livros sagrados, cada civilização à sua maneira, constroem relatos da criação do mundo e das lutas pelas organizações sociais; as epopeias (seja Gilgamesh da Mesopotâmia ou Odisseia da Grécia) são poemas que relatam feitos na construção de heróis; mitos que são tomados como exemplo de força e poder.

Imaginando a possibilidade de um relato poético instaurar a construção não de um herói, *persona* divinizada, mas de um tema heróico, grandioso, capaz de enlevar uma palavra da simples condição de palavra simples à de palavra grávida de sentidos heróicos e grandiosos, apresentamos a possibilidade de construção de um conjunto de aldravias temáticas, ao qual se designará por **aldravipeia**, conjunto de 20 aldravias dedicadas a uma palavra, que deverá aparecer ou ser aludida em todas as aldravias desse conjunto.

Não se trata de uma nova narrativa, mas de uma nova forma, ou um novo texto, capaz de pôr em destaque um conceito, um nome, um lugar, um sentimento, uma sensação, explorando a polifonia, isto é, a multidão de sentidos que explodem de cada palavra de uma língua.

As possibilidades de exploração de sentidos diferentes de uma palavra são experimentadas cada vez que nós percebemos universos discursivos diferentes. Azul para o universo discursivo de um aeronauta pode ter sentido de céu aberto; mas pode ser possibilidade de emprego, se assumir o sentido de empresa aérea; pode representar a monotonia de uma longa viagem, a estabilidade de um voo sem turbulência, o poder do pássaro, a alegria da vastidão do céu ou a tristeza de ser minúsculo nessa mesma vastidão; o pavor de ter azul acima e negritude na barriga do avião. Que dizer então de multidão de sentidos de azul nas religiões, nos símbolos nacionais e institucionais, nos esportes, nas artes, nos sentimentos. Não importa a



palavra; todas são polifônicas; todas têm inúmeros sentidos. Para construir uma *aldravipeia*, basta experimentar uma palavra em lugares e situações diferentes, compondo 20 aldravias a partir de uma mesma palavra.

O nome *aldravia* foi sugerido por Andreia Donadon Leal em 2010 e agora, inspirada em *transmutações*, conjunto de aldravias dedicadas à palavra pedra, de Gabriel Bicalho, publicado em 2011 no livro *Germinais*, primeiro livro mundial de aldravias, essa inventora de palavras propõe *aldravipeia* para designar o conjunto de 20 (vinte) aldravias dedicadas a uma palavra. Em 20 aldravias, uma palavra poderá ser experimentada em 20 diferentes universos discursivos.

Aldravipeia

Andreia Donadon Leal

LÁGRIMAS

I

apaixonadas

torrentes

lacrimais

olhos

saudade

poesia

II

compreensão

lacrimais

versos

carpidos

desafinam

linométricas

III

fino

choro

finíssima

lágrima
orvalhada
alma
IV
fio
aquoso
fiapo
sentimental
finíssimo
choro
V
líquido
lacrimal
transborda
dor
ou
alegria
VI
lágrimas
inundação
devastadora
de
alma
transborda
VII
quentes
lágrimas
evaporam-se
verão
finda
primavera
VIII
lágrimas



regam
flores
sobre
solo
pedregoso
IX
seus
olhos
molhados
espargem
alma
ressecada
X
choro
fingido
palavras
molhadas
lágrimas
cenográficas
XI
tristeza
particular
alegria
pública
comunicado
lacrimal
XII
sonhos
lágrimas
vêm
e
vão
?



XIII

lágrima

fala

o

que

voz

embarga

XIV

lágrima

divina

ora

brilho

ora

mistério

XV

lágrima

alma

refletida

espelho

de

espelho

XVI

lágrima

cristalina

sombra

de

mistérios

interiores

XVII

vela

choras

lágrimas

de



ceras
crentes
XVIII
lua
gerânios
ciclos
lágrimas
espinhos
fases
XIX
corpo
sem
pouso
lágrima
sem
rosto
XX
concebida
no
espírito
lágrima
nasce
água